

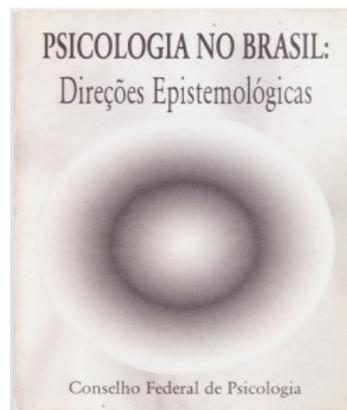
Psicologia: Ciência e Paradigma

“Os senhores constatarão que o resto do problema repousa uma vez mais no campo da psicologia - e, mais ainda, uma psicologia cujo caminho o trabalho atual dos filósofos não nos prepara. [...] A essa psicologia, que há ainda de ser criada para satisfação de nossas necessidades - a essa futura psicologia das neuroses - devo também aludir quando, concluindo, eu lhes direi alguma coisa que, pela primeira vez, há de fazê-los temer a perturbação de nossa nascente compreensão da etiologia da histeria”. (Dr. Freud: 21-04-896)

Alguns estudiosos da Psicologia, com vistas ao seu "status" de ciência, pensaram ser procedente arranjá-la em conjuntos demarcados, que corresponderiam aos chamados "paradigmas", como teriam sido identificados por Thomas S. Khun. Então, a história da sua disciplina e a situação dela poderia ser considerada ao lado da história e da situação das outras ciências, já que o progresso consistiria apenas na substituição de "modelos" ou "matrizes", conforme articulações políticas ou ideológicas.

Pretendemos mostrar primeiro que esse procedimento vem a ser equivocado por razões de ordem epistemológica, sempre remetida ao próprio fenômeno histórico realizado, sob o título de "Ciência". Depois, vamos indicar onde e como a Psicologia já se fez científica, com "status" epistemológico acima de quaisquer questionamentos.

Nossas reflexões quanto ao "status" de ciência com vistas à Psicologia, implica primeiro em identificarmos o objeto principal de nossas preocupações, qual seja: a "Ciência". Aí, descobrimos inevitavelmente que ela é um tipo de conhecimento. Seguindo em frente, constatamos que este, por sua vez, vem a ser algo que um sujeito produz ou pretende produzir a respeito de um objeto. Verificando em que consiste cada um desses dois elementos (sujeito e objeto),



vamos chegar ao fato de que eles são segundos, isto é: funções específicas ou definidas no mundo. Finalmente, tratando de esclarecer a realidade deste último, esbarramos na evidência de que ele resulta da relação de uma "consciência", dimensão transfenomênica do sujeito, às "coisas", por seu turno, dimensão também transfenomênica do objeto. Então, vemos que nossas referidas reflexões necessitam passar pela Ontologia, pela Antropologia e pela Epistemologia, caso pretendamos ser conseqüentes.

Se, por exemplo, o problema vem montado com a "noção de paradigma", precisamos assinalar desde logo que o uso dela não é consagrado, nem mesmo pacífico, da Ciência. Veio a este espaço por iniciativa de Thomas S. Khun, com a publicação de seu livro "The Structure of Scientific Revolutions", ao início dos anos sessenta, na função de termo nuclear para o discurso do autor. Porém, aparece ali cheia de ambigüidade, com um caráter vago e aproveitada numa diversidade de acepções, mais do que bastante para ficarmos sem saber com precisão, ao fim das contas, do que é que estamos falando quando nos referimos a um "paradigma". Por isso, a crítica especializada não se deixou esperar, para vir tão abundante quanto contundente.

Sete anos mais tarde ou em 1969, por ocasião da tradução de sua obra ao Japonês, para a Universidade de Tóquio, Khun preparou um posfácio de quarenta páginas, nada menos, com o objetivo de precisar aquilo que o conceito de "paradigma" deveria indicar. Mas, não conseguiu satisfazer às exigências técnicas levantadas por seus críticos e, a bem da verdade, nem às suas próprias. Em 1977, ao publicar "The Essential Tension", teve de voltar ao assunto, trazendo novas

explicações e detalhes para uma definição satisfatória do conceito que forjara. Para isso, retomou o texto de 1969, fez-lhe uma revisão e o estendeu até ocupar cinquenta e quatro páginas, também nada menos. Aí, como já o fizera anteriormente aliás, foi expresso em admitir a procedência da crítica de Margaret Mastermann quanto ao uso do termo "paradigma" em múltiplos sentidos. Dessa vez, sem levá-la na conta de "uma leitora simpatizante" (p.226), relatou:

"Um comentador, que pensou valer a pena realizar um escrutínio sistemático, preparou um índice parcial de temas e encontrou pelo menos vinte e dois usos diferentes, que vão desde" uma realização científica concreta "(p.11) até" um conjunto característico de crenças e preconceitos "(p.17), este último incluindo conjuntamente compromissos instrumentais, teóricos e metafísicos (pp.39-42)" (Khun: 1977:354).

Dois anos depois, Richard Rorty, da "University of Virginia", para trazermos apenas um dos muitos exemplos possíveis, no seu livro "Philosophy and the Mirror of Nature", aparecido em 1980, mostrou que os esforços de Khun, acima referidos, foram inúteis, na medida em que não satisfizeram à necessidade técnica de quem pretenda demarcar aquilo que é ciência e aquilo que não o é. Quer dizer: depois de duas décadas de objeções e esclarecimentos, o conceito de "paradigma" não se converteu num instrumento adequado ou recomendável, para quem buscasse circunscrever com segurança ou rigor, o espaço epistemológico onde encontraríamos aquilo em que consistem a investigação e o fazer científicos.

É que, embaralhando os conceitos de "paradigma e de" teoria ", Khun acabou envolvido por uma cortina de fumaça conceitual, que passou a impedi-lo de detectar ou dispensá-lo de considerar os marcos epistemológicos determinantes das fronteiras entre uma" teoria "e aquela que a transcende, no interior do processo histórico de produção da ciência, ao longo dos últimos séculos. Depois, o mais um passo somente, ele perdeu de vista também as etiquetas epistemológicas que

P974

Psicologia no Brasil: direções Epistemológicas; Conselho Federal de Psicologia.(etal).- Brasília: O Conselho, 1995. 180p.

1.Psicologia. 2.Psicologia - Brasil. 3.Psicologia - 4.Epistemologia.I. Conselho Federal de Psicologia (Brasil) II. Bertolino, Pedro. III. Marzagão, Lúcio Roberto. IV. Figueiredo, Luiz Cláudio. V. Tourinho, Emmanuel Awry. VI. Carvalho Neto, Marcus Bentes. VII. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (Brasil).

CDD-150

CDU-159.9

assinalariam as extremas do território do” científico “face ao domínio do” científico “e do” ilógico “; como dizem suas próprias palavras ou, simplesmente, como diríamos nós: convenceu-se de que não haveria como traçar uma linha divisória entre o místico e o científico, isto é, entre a ciência e alternativas. Então, Richard Rorty, muito oportunamente, observou que”:

"A consideração crucial é se sabemos como traçar uma linha entre a ciência e a teologia de modo a que compreender corretamente os céus seja um valor” científico “e preservar a Igreja e a estrutura cultural geral da Europa seja um valor” acientífico “. (Rorty: 1988:257)”.

Nisso reside o ponto mais claro e fundamental da batalha entre Khun e seus críticos. O termo "teologia" aparece ali por se tratar obviamente do confronto entre Igreja e Ciência, inquisidores e cientistas, ao século dezessete. Rorty, naquela passagem, está remetido ao fato de Khun haver sustentado tacitamente que seria impossível a um estudioso, dirigido àquele momento histórico, decidir-se a respeito da situação do Cardeal Belarmino e de Galileu Galilei, quanto à localização de um ou de outro no território da Ciência. Considerado, é claro, que um se baseava na leitura da Bíblia e outro nas suas observações telescópicas, com a pretensão igual de esclarecer a "estrutura dos céus”.

Foi assim, obscurecendo a demarcação entre racionalidades irredutíveis, contrabandeando constatações de um objeto para outro, saltitando do moral para o epistemológico, que Thomaz S. Khun construiu os alicerces de toda sua pretensa "Filosofia da Ciência". Daí vieram às provocações para o apelo à confusa noção de “paradigma”. Na seqüência, nasceu-lhe a necessidade de forjar outros conceitos para explicar-se junto à comunidade especializada. Teve de lançar mãos à tese da "incomensurabilidade", tentando justificar a impossibilidade de se definir o território de uma disciplina ou da própria "Ciência". E, por fim, ainda procurou transferir o impasse resultante dos seus equívocos evidentes, a todos os estudiosos da história da ciência. Afirmou que

"Embora o historiador possa sempre encontrar homens _ eclesiásticos, por exemplo _ que foram insensatos em resistir (a uma teoria), na medida em que eles o tiverem feito ele não encontrará um ponto em que a resistência se torne ilógica ou acientífica" (Rorty: 1988:256).

Noutros termos: Khun passou à tese de que um historiador ou qualquer outro interessado, em face de uma contenda entre místicos e

cientistas, estaria impossibilitado para demarcar epistemologicamente os territórios, de modo a poder decidir quem estaria dentro da ciência e quem estaria fora dela. Tudo a partir de indicadores que recolheu nos domínios da sociologia, da ideologia ou da história política das ciências. Verificou, até cuidadosamente, a maneira pela qual os cientistas se constituem em comunidades e as razões por que validam certas teorias em detrimento de outras, para fins acadêmicos ou institucionais. Mas, prejudicado pela fumaceira conceitual que pôs à sua frente, acabou perdendo o rumo ou os limites de suas investigações e pensou que fizera descobertas concernentes àquilo de que se mantivera sempre à distância, qual seja: a especificidade do conhecimento científico na sua constituição essencial. Assim, fechou sua obra pretendendo que

"As páginas precedentes apresentam um ponto de vista ou uma teoria sobre a natureza da ciência e, como outras filosofias da ciência, a teoria tem conseqüências no que toca à maneira pela qual os cientistas devem comportar-se para que seu empreendimento seja bem sucedido".(Khun: 1990:254)

Vê-se logo claro, o caso de quem estudasse cuidadosamente a poda e o florir das roseiras e, depois, pensasse ter feito constatações suficientes para esclarecer o fenômeno dos pães queimando ao forno. O termo "empreendimento" e a expressão "bem sucedida" comparecem ali na acepção inequívoca de empresa ou de sucesso no sentido social, cultural ou histórico. Não guardam absolutamente a devida relação com os conceitos de "procedimentos" e de "resultados" no sentido epistemológico de uma prática científica, tanto de investigação quanto de intervenção. A menor dúvida quanto a isso fica desfeita, quando temos Khun na seqüência, argumentando que sua tese "sobre a natureza da ciência" mereceria ser levada a sério porque os cientistas "bem sucedidos" são aqueles que "realmente comportam-se como prescreve a teoria".

Fosse assim, as decisões operacionais em ciência estariam sustentadas em juízos de valor, como ele pretende: resultando de deliberações, meramente políticas. Em conseqüência, as verdades da experimentação não contariam em primeiro lugar, passando à categoria de revogáveis ou negociáveis. Com isso, a "Ciência", ficaria patinando nas discussões, condenada a começar de zero depois de cada crise entre os cientistas de determinada área, por quaisquer motivos. Isto pareceu correto, a Thomas S. Khun porque ele ainda se batia contra aquele velho fantasma do século XVIII, segundo o qual, as ciências físicas tornar-se-

iam o "paradigma" de toda a cultura ocidental, fazendo assentamento definitivo nas terras subjetivistas da Metafísica. Como assinalou Rorty,

"As lições extraídas por Khun da história da ciência sugeriam que a controvérsia no seio das ciências físicas era mais parecida com a conversação ordinária (sobre a culpabilidade de uma ação, as qualificações de um candidato a um lugar governamental, o valor de um poema, a atração da legislação) do que aquilo que haveria sido sugerido pelo iluminismo".(Rorty: 1988:252)

Curiosamente, um historiador da ciência não viu que aquele trem iluminista já passara de vez, levando de reboque aos vagões positivistas, com todos os santos da "Religião da Humanidade", beatificados por Augusto Comte, com destaque especial para Immanuel Kant. Isto, talvez, por estar absorvido nas polêmicas resultantes da rota de colisão com o empirismo lógico, que pretendia fornecer algoritmos para garantir a neutralidade de escolha entre teorias rivais. De qualquer forma, foi por aí que a questão sobre a noção confusa de "paradigma" descambou, desembocando em sofisticadas discussões filosóficas referentes à linguagem e coisas do gênero, que já não cabem neste pequeno artigo.

Parece-nos, entretanto, que o que vimos de ver seja suficiente para evidenciar que a busca de apoio na noção de "paradigma" ou, se preferem, na "filosofia" de Thomas S. Khun, com vistas ao "status" de ciência para uma disciplina, _ seja a Psicologia, a Física ou qualquer outra, _ está condenada ao malogro. Pois, desde as bases conceituais, esse caminho implica uma remissão a indefinibilidade e, mesmo, ao infinito, de modo a envolver-nos numa verdadeira "bola de neve" ideológica. **Aí, todos os gatos aparecerão pardos, enquanto a diferença máxima que conseguiremos estabelecer entre a "Ciência" e qualquer "alternativa", não irá além daquela que encontramos entre "seis" ou "meia-dúzia".**

É isso, aliás, que serve aos interesses de Thomas S. Khun e dos **"nossos bons filósofos da ciência"** inscritos na tradição de toada idealista, a qual insiste em permanecer **de olhos vendados para o corte epistemológico** inaugurado ao século XVII, por Galileu Galilei com suas observações telescópicas e tudo o mais. Ideólogos da reação ao científico, não são capazes de distinguir **Experiência**, em sentido restrito um acontecimento subjetivo; de **Experimento**, por seu turno, sempre uma realização ou uma ocorrência objetiva: no sentido de transcendente ao sujeito que a investiga. Depois, embaralham os

conceitos de liberdade e de determinismo, misturando moral com epistemologia, **para confundir decisões técnicas**, sempre vinculadas a necessidades operacionais de pesquisa ou de intervenção, **com escolhas políticas**, sempre relacionadas a interesses individuais ou coletivos de toda ordem. Também **contrabandeiaram o objetivo para dentro do subjetivo**, agora com recurso ao “saco-sem-fundo da chamada intersubjetividade”. **E, por fim fazem sempre recurso ao mito ocidental da razão, na versão da Idade Clássica ou, cartesiana.**

Com esse amontoado de equívocos ou de providências sofisticadas, tais "filósofos" realizam a mágica de subsumir o "experimental" no "racional", de maneira a não admitir que possamos ultrapassar os alambrados da lógica ou da linguagem, para chegar às coisas mesmas. Pretendem que vivamos como surdos-mudos assistindo a um espetáculo de música sinfônica, onde poderíamos até ler as partituras eventualmente, mas nunca ouviríamos as melodias. Tudo muito zelosamente arranjado à sombra da mais inequívoca tradição cartesiana. Aí, as águas de tais "filosofias da ciência" vão juntar-se àquelas da Psicologia, como as vimos correr ao longo dos últimos séculos, tanto na teoria como na prática. Forma-se esse estranho caudal, chamado "ciências humanas", que vem mordendo barrancas e salvando seu leito como pode.

Foi sempre à sombra do racionalismo ou mentalismo cartesiano, que as mãos e as luvas se juntaram providenciais para impedir o avanço da Psicologia rumo ao seu "status" de ciência. A "Teoria do conhecimento primeiro e, depois, as ditas" filosofias da ciência “nos deixaram na situação de quem se bate em plenas trevas, tentando identificar um gato preto entre outros do mesmo pelo. Um cenário e uma trama que foi providenciado por Descartes, com sua noção de” Res-cogitans “ou de” pensamento que se pensa a si mesmo e para si próprio. **Por aí, o domínio do psicológico no homem acabou entendido como sendo um quarto escuro, contendo gatos e lebres, também todos pretos, sem manterem qualquer relação com o que ocorresse na exterioridade, onde caberia aos psicólogos ficarem.**

Recentemente, alguns professores de psicologia brasileiros não conseguindo ver além da superfície dessas coisas, passaram à idéia de que o "status" de ciência seria impossível para a sua disciplina. Entretanto, os melhores estudiosos internacionais, quando foram ao fundo da questão, verificaram que o impasse se desdobra desde as bases filosóficas, em que as investigações e os fazeres psicológicos sempre estiveram assentados, de um modo ou de outro. Poderíamos começar a

relação daqueles autores em Watson, passando por Vygotsky, Leontiev, Politzer, Lucien Séve, Skinner, Van den Berg, Thomas Szasz, Ronald Laing, David Cooper e muitos outros. Até poderíamos acrescentar a este elenco, o Freud que defendeu a “Teoria da sedução”, perante a Sociedade de Psiquiatria e Neurologia, na Viena de 21 de abril de 1896 ou seja, há um século precisamente. Pois, por ironia, para muitos, o caminho filosófico reclamado inclusive pelo “Pai da Psicanálise”, antes de perder-se nela, no que respeita à viabilização de uma “Psicologia Científica”, veio a ser instaurado por Jean-Paul Sartre.

Resumindo: a tradição ocidental, desde os gregos até Husserl incluso, embaralhou a questão teológica da existência da alma ou de sua relação com o corpo e a questão psicológica quanto ao que seja uma personalidade ou, se preferem, um “Sujeito-humano”. E a Psicologia, antes de Sartre, não soube sair dessa confusão.

* *
*

O caráter revolucionário do "Essai d'ontologie phénoménologique: L'être et le néant", bem como, do "Critique de la Raison Dialectique (précédé de Question de méthode)", fez com que os meios acadêmicos destacassem de Sartre, sobretudo, o filósofo: consciência crítica do nosso século. Porém, quando seguimos cuidadosamente o fio condutor das suas pesquisas e as conseqüentes produções teóricas, vamos verificar que ele foi acima de tudo, um Psicólogo; e que sua incursão no campo da elaboração filosófica, deveu-se a razões de ordem técnica, com que se deparou no curso de suas investigações, sobre os fenômenos psicológicos. Seus textos e seus biógrafos atestam que ele nutria uma verdadeira paixão pelo conhecimento do homem concreto ou, se preferem, da Personalidade humana. Simone de Beauvoir assinalou que

"O que lhe interessava antes de tudo eram as pessoas. À psicologia analítica e empoeirada que ensinavam na Sorbonne, ele desejava opor uma compreensão concreta, logo sintética, dos indivíduos".(Beauvoir: 1961: I: 37)

Bem verdade que, se é que isto pode dizer alguma coisa de relevante, Sartre graduou-se em Filosofia, na Paris dos anos vinte, assim como Merleau-Ponty, a própria Simone, Paul Nizan e tantos outros. Mas, não se pode ignorar que, naqueles dias parisienses, ainda não havia "Curso de Psicologia", e a formação universitária nessa disciplina era proporcionada pelos "Cursos de Filosofia". Como vimos acontecer no Brasil até finais dos anos sessenta, quando o graduado obtinha registro junto ao MEC, para atuação profissional tanto numa área quanto noutra. De qualquer modo, não resta a menor dúvida de que a produção filosófica sartreana veio como desdobramento, em conseqüência e em função de seu esforço no sentido de fazer a Psicologia avançar. Nem foi por outra razão que Michel Contat e Michel Rybalka ressaltaram que

"La Transcendance" de l'ego contém em germe a maior parte das posições desenvolvidas em "L'être et le néant" e termina com o que se poderia tomar pelo programa de toda a obra posterior de Sartre, inclusive "Critique de la Raison Dialectique e a Moral, sempre em curso de elaboração".(Contat/Rybalka: 1970:36).

Em 1927, Sartre trabalhou com Nizan, na tradução do "Psicopatologia Geral" de Jaspers, ao Francês, fazendo seu primeiro contato com a Fenomenologia. (Beauvoir: 1961: I: 37) Em 1929, para o "agregation", ele investigou sobre o problema da imaginação, classificando-se em primeiro lugar. Mas, desde 1927, juntamente com

Simone, batia-se angustiosamente com a questão da metodologia em Psicologia, valendo-se da noção de "compreensão", proposta por Jaspers, de onde conseguia apenas "uma diretriz muito vaga". (Beauvoir: 1961: I: 114) É que ele insistia em "apreender a realidade humana ao vivo", não abrindo mão do princípio basilar da ciência, a cuja luz, o objeto tem de ser indicativo de si mesmo e tudo precisa ser formulado, bem como sustentado, exclusivamente com recurso ao fenômeno, na sua transcendência objetiva. Por isso, em Sartre, "Fenomenologia" e "fenomenológico" significam exatamente o mesmo que ciência ou científico; e tal como os entendemos com referência aos domínios da Astronomia, da Geologia, da Física e de tantas outras disciplinas, onde o "status" de ciência está fora de qualquer suspeita. Ele encontrou esse caminho epistemológico pela Fenomenologia de Husserl, através de Raymond Aron. Como relatou Simone de Beauvoir:

"Passamos uma noite junta no Bec de Gaz, na Rua Montparnasse; pedimos a especialidade da casa: coquetéis de abricó. Aron apontou seu copo:" Estás vendo meu camaradinho, se tu és fenomenologista, podes falar deste coquetel, e é filosofia ". Sartre empalideceu de emoção, ou quase; era exatamente o que ambicionava fazia anos: (...). Aron o convenceu de que a fenomenologia atendia exatamente a suas preocupações..." (Beauvoir: 1961: I: 121).

Em desdobramento desse encontro, veio uma bolsa de estudos junto ao Instituto Francês de Berlim, para um "Curso de Pós-graduação em Fenomenologia": o qual aconteceu durante os anos de 1933/4 e cuja tese de conclusão, apareceu publicada sob o título de "La Transcendance de L'Ego", em 1936. Foi ali, em sua obra técnica inaugural, que Sartre desenvolveu uma "Teoria do Eu-humano", onde, _ pela primeira vez em toda a história da Psicologia _ demarcou-se a diferença e a separação ontológica entre a "consciência" e a "Personalidade" ou, se preferem, naquele contexto, o "Ego". A segunda (personalidade) evidenciou-se objeto para a primeira, (consciência), tanto no caso do seu titular quanto no de um investigador transcendente, mostrando-se passível de observação, descrição, definição e, na seqüência, de todos os procedimentos constitutivos do processo da "ciência", no seu sentido corretamente experimental. Como salientou Simone de Beauvoir, sempre insuspeita para estes fins,

"... entre a consciência e o psíquico, ele estabeleceu uma distinção que manteria sempre; enquanto a consciência é uma imediata presença ante si, o psíquico é um conjunto de objetos (...)

que, como os objetos da percepção, só se dão por perfil; o ódio, por exemplo, é um transcendente que se apreende através de” *erlebnissen* “(...). A partir daí, cumpria revisar toda a psicologia e ele já começara, com o ensaio sobre o Ego, a atacar essa tarefa”.(Beauvoir: 1961: I: 162 e 166)

Nessa época, 1934, Sartre já concebera a idéia de um tratado completo de Psicologia, para o título de "La Psyché". Mas, o Professor Delacroix, que conhecia suas pesquisas de 1929, encomendou-lhe um estudo sobre o problema da imaginação, para edição em "Alcan". Veio daí a ocupação sartreana para os anos de 1935/6. Ele produziu centenas de páginas, das quais apenas uma pequena parte foi integrar aquela publicação, em 1936, sob o título de "L'Imagination". Era somente a introdução, trazendo uma crítica profunda das psicologias da imaginação, desde Descartes até, inclusive Husserl. À parte em que Sartre formulou sua própria teoria do imaginário, em termos compatíveis com "Transcendência do Ego", apareceu somente em 1940, pela Gallimard e designada por "L'Imaginaire".

No plano da produção, porém, Sartre aplicou-se na elaboração do seu sonhado "La Psyché", durante os anos de 1937/8. Também aí, deu-se a demoradas pesquisas, produziu centenas de páginas, mas teve de se rever a meio caminho, devido aos obstáculos de ordem técnica. Esbarrara na constatação de que seria impossível estabelecer sua psicologia, sem primeiro refazer as bases filosóficas disponíveis até aquele momento. Necessitava-se refazer o "Cogito", superando o substancialismo cartesiano; elucidar a questão do conhecimento em termos compatíveis com o fenômeno da ciência, tal como ele ocorre em pleno século XX; assentar um novo alicerce ontológico e, sobre ele, sustentar uma nova antropologia, para, somente depois, construir uma psicologia científica, como ele a desejava. Por fim, em suas próprias palavras, tal consta no fragmento de "La Psyché", que veio a público como "Esquisse d'une théorie des émotions", Sartre verificou que:

"... a Psicologia, como ciência de certos fatos humanos, não poderia ser o começo, porque os fatos psíquicos com que nos deparamos, jamais são os primeiros. Na sua estrutura essencial, eles são reações do homem no mundo e, por isso, não podem aparecer no seu verdadeiro sentido, sem que, antes, essas duas noções sejam esclarecidas. Pretendendo fundar uma Psicologia, teremos de ir (...) até as bases ontológicas do mundo, do homem e do psíquico".(Sartre: 1965:13)

Então, só lhe restava pôr mãos à obra, já que não lhe faltava formação filosófica para tanto: e foi o que ele fez. Iniciou o ano de 1939 estudando Heidegger, na tradução francesa de Corbin e no original Alemão. (Beauvoir: 1961: I: 315) Em dois de setembro, mobilizado para a guerra, serviu como meteorologista na Alsácia e esteve detido no "Satalag XII D, em Treves. Mas, ainda em meio a tudo isso, jamais abandonou suas pesquisas. Escrevia tudo em cadernos de pano-couro", dos quais alguns foram extraviados por um "amigo", e os demais, depois encontrados, vieram a compor seu "Les Carnets de la Drôle de Guerre", editado três anos após sua morte, em 1983, pela Gallimard, com apresentação de Arlette Elkaim-Sartre, sua filha adotiva. É um livro que faz também certo papel de um "diário de pesquisas", permitindo verificar o processo sartreano de produção.

"L'Être et le néant" veio à publicação pela Gallimard, em 1943 e, desde então, tem sido destacado mundialmente por sua contribuição revolucionária nos domínios da filosofia, aliás indiscutível. Então, muitos pensaram que Sartre abandonara suas pretensões no campo da Psicologia com a interrupção de "La Psyché", saltando de uma disciplina para outra e mudando de rota fundamental em sua trajetória de produção técnica. Porém, quando verificamos as coisas com mais cuidado, vamos constatar que ele reformulou seu projeto, apenas no que se refere à forma de execução, sem abrir mão de seu objetivo, no sentido de desenvolver uma nova psicologia.

A obra se impõe desde logo como um exaustivo tratado de Psicologia: se bem que incrustado na arquitetura ontológica e antropológica, que se lhe fizera imprescindível. Uma simples análise no índice das matérias nos mostra isso. Vemos, já por ali, que Sartre vai fundo no estudo de questões tipicamente psicológicas. Revê o fenômeno da percepção, desfazendo os equívocos cometidos desde Berkeley até, inclusive, Husserl. Discute as bases da Psicanálise freudiana, a partir da noção de Inconsciente, relacionada à prática da mentira e às condutas de "má-fé". Retoma a tese da objetividade da Personalidade ou da Transcendência do Ego, confirmando-a sempre mais. Estuda a temporalidade psíquica ou nossas experiências do tempo, com suas implicações para a dinâmica psicológica de nosso "ser-no-mundo". Trabalha demorada e profundamente nossas relações concretas com os outros, com o corpo, com as coisas. Aprofunda as investigações sobre as relações amorosas, destacando os desdobramentos do amor "como intuição fundamental", com relação ao vício e ao fracasso do "sadomasoquismo". Havendo descoberto a ocorrência dos projetos

existenciais para a realidade humana, elucidou noutros termos que os cartesianos ou freudianos, a problemática das paixões e dos desejos. Desenvolveu, por fim, a "Psicanálise Existencial", sobre bases inteiramente outras que as de Freud. E muitas outras coisas.

Isso, até tem feito muitas vezes as dificuldades com que os profissionais da Filosofia se batem na leitura de "L'être le néant", uma vez que sua linguagem é muito mais familiar aos psicólogos, do que tecnicamente filosófica. Se bem que, por outra parte, muitas vezes também, esses últimos tenham de haver-se com sua falta de conhecimentos filosóficos, para entender a Psicologia exposta em "L'être et le néant". Ironia de uma situação acadêmica e cultural onde ainda não se aprendeu a trabalhar em termos de interdisciplinaridade. Mas, à parte isso, o próprio Sartre confessou a Contat e Rybalka que havia aproveitado os textos que produzira para "La Psyché" na sua obra seguinte, revendo-as apenas para amarrá-las às novas bases filosóficas. Aqueles autores chegam à recomendação da leitura de "Esboço de uma teoria das emoções" como a melhor introdução para os estudo de "O Ser e o Nada". Além de concluir que,

"numa primeira etapa, Sartre sustenta sua fenomenologia da consciência numa análise das condutas pelas quais os indivíduos, considerados numa perspectiva psicológica e moral, manifestam sua alienação fundamental, deixando para depois o estudo das determinantes históricas e sociais desse fenômeno". (Contat/Rybalka: 1970:86/7)

Com efeito, pretendendo uma psicologia tão rigorosa em termos epistemológicos quanto conseqüente em termos morais ou políticos, Sartre não podia dar-se por satisfeito com o esclarecimento dos fenômenos psicológicos das singularidades, que se restringem à problemática das existências individuais. Era necessário fazer também o percurso do singular ao universal, já por implicações de ordem técnica ou teórica: derivadas de uma "investigação das personalidades" que encontrara o homem como ser dialético por excelência, constituindo-se nas relações com os outros e com a materialidade. Foi coisa que sempre esteve clara para Sartre, desde a conclusão de "La Transcendance de L'Ego". Ali, ele remarcou, mais uma vez, a originalidade de sua "Teoria da Personalidade", por escapar tanto ao subjetivismo mentalista quanto ao objetivismo comportamentalista; e, na seqüência, assinalou o alcance prático revolucionário de sua Psicologia.

"Não é necessário que o objeto preceda ao sujeito para que os pseudos-valores" espirituais "se esvaneçam e a moral reencontre suas

bases na realidade humana. Basta que a Personalidade seja contemporânea do mundo e que a dualidade sujeito-objeto, puramente lógica, desapareça definitivamente das preocupações filosóficas. Afinal, o Mundo não criou ao Eu (Personalidade) e o Eu (Personalidade) não criou ao Mundo: um e outro são objetos para a consciência absoluta, impessoal, e é por ela que ambos se encontram ligados. Esta consciência absoluta, depois de purificada do Eu, não tem mais nada que se pareça a um sujeito (personalidade), muito menos é um conjunto de representações: é simplesmente uma condição primeira e uma fonte absoluta de existência. Esta relação de interdependência que se constata entre o Eu (Personalidade) e o Mundo é suficiente para que o Eu (Personalidade) apareça em” perigo “diante do Mundo, para que o Eu (Personalidade) (indiretamente e por intermédio dos estados)”. extraia do Mundo todo o conteúdo de precisa, para ser o que é. “(Sartre: 1965:86/7)”.

Durante a década de cinquenta, Sartre dedicou-se ao estudo desses desdobramentos teóricos e práticos revolucionários da sua "Teoria da Personalidade". O resultado das suas investigações, de então, apareceram em "Critique de la raison dialectique" (précédé de Question de méthode). Mais uma vez, a ressonância política ou filosófica, da obra, sobretudo face ao marxismo neste caso, impediu que se notasse devidamente a contribuição revolucionária que ela fazia nos domínios da Psicologia. Entretanto, Sartre trabalhou ali, detalhada e profundamente a relação psicológica ou, se quiserem ontológicas entre "Grupo" e "identidade" ou "Personalidade", mostrando que um não consegue jamais se constituir sem o outro, devido ao caráter dialético de ambos, determinado pelas próprias bases ontológicas da realidade humana. Assim, esclareceu o processo de constituição e evolução dos grupos, pelo qual se pode compreender a dialética da história, vendo como é que o homem se faz aquilo que vem a ser, tanto no plano individual quanto no coletivo.

* *

*

Tudo começou pela constatação óbvia de que todo conhecimento e, portanto, a ciência acima dos outros, implica dois pólos: de um lado, o objeto da investigação e, de outro, o sujeito que a realiza. Mas, Sartre soube ver também, que a relação entre esses dois elementos não podia ser resolvida satisfatoriamente com recurso último à lógica ou ao mito da razão, como sempre fizeram as ditas "filosofias da ciência". Por aí, acabamos dissolvendo o sujeito no objeto, para cair

no realismo naturalista ou, então, ao extremo oposto, dissolvendo o objeto, por sua vez no sujeito, para desembocar no idealismo "espiritualista". Assim, vamos perder de vista o objeto de observação ou de intervenção e, por conseguinte à ciência, como acontece a todas as formas de "positivismos".

A solução desse problema tão evidente, foi encontrada por Sartre na elaboração de uma "Ontologia Fenomenológica", onde se escapa ao racionalismo e, por aí, à Metafísica de uma vez por todas: concedendo-se, por fim, direito de cidadania à ciência, empossando-a no território que lhe pertence, queiramos ou não, por razões de fato e de direito. O caminho passou por uma revisão aprofundada da Fenomenologia de Husserl, de modo a livrá-la dos equívocos cometidos por seu fundador, colocando-a nos trilhos que ele sempre declarou procurar: "rumo às coisas mesmas". Husserl perdera o caminho da ciência, que sempre dissera buscar. Mas, Sartre soube encontrá-lo, uma vez que começou pela observação e pela descrição rigorosa do objeto, no seu "status" de indicativo de si mesmo.

Foi por aí, que ele chegou à constatação desse par indissolúvel: por um lado, a consciência que, mostrando-se dimensão transfenomênica do sujeito, não depende absolutamente do Eu ou da Personalidade para ocorrer, acontecer ou existir; e, por outro lado, a coisa ou o "En-soi" que, evidenciando-se dimensão transfenomênica do objeto, não mais se reduz a este, uma vez que não implica uma consciência à qual precise aparecer para se instalar ou definir-se no seu ser: tudo ao contrário do objeto, que não ocorre jamais sem a demarcação que lhe vem por uma "consciência-testemunho".

Somente sobre essas bases ontológicas primeiras, e epistemológicas depois, é que foi e continua sendo possível estabelecer uma psicologia corretamente científica: onde se respeite a realidade factual da consciência em sua autonomia e, ao mesmo tempo, a realidade do mundo objetivo, em sua materialidade: sem dissolver um no outro, vale repetir. Então, a Personalidade e toda a corte dos fenômenos psicológicos vão para o seu lugar devido, de ontologicamente segundos, evidenciando-se como tecidos de relações, com todas as implicações próprias de um processo de mediações dialéticas.

Sartre sempre teve muito presente tudo isso e as conveniências práticas revolucionárias de uma psicologia científica, com seus desdobramentos morais e políticos. Foi esse combustível que alimentou

a locomotiva do seu trem, todo o tempo puxado, ao fundo, pelas preocupações com a Psicologia. Por isso, ele realizou estudos famosos: como aquele sobre Saint Genet e aquela sua monumental biografia de Gustavo Flaubert. Todo aquele que estudar essas obras sartreanas com cuidado, não encontrará mais qualquer razão para duvidar das possibilidades científicas concernentes à investigação e à intervenção nos fenômenos psicológicos, bem como, das conveniências morais ou políticas de tal empreendimento. E, o mais importante no horizonte deste artigo: quem assim o fizer, verá que **a Psicologia já alcançou seu “status” de ciência há decênios, nas realizações teóricas e práticas de Jean-Paul Sartre.** Se o problema é “paradigma”, no sentido de suporte teórico e método científico, ali o está o modelo à nossa espera: chama-se “Psicologia Existencialista”.

Fpolis., primavera de 1995.

BIBLIOGRAFIA

1. AUBREY, J. Yates. Terapia del Comportamiento. México, Editorial, Trillas, 1980.499p.
2. BEAUVOIR, Simone. Na Força da Idade. São Paulo, DIFEL, 1961. 543P.
3. _____. Sob o Signo da História. São Paulo, DIFEL, 1965. 2v. 667p.
4. _____. A Cerimônia do Adeus. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982. 578p.
5. _____. Balanço final. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982. 502p.
6. BERG, J. H. van den. O Paciente psiquiátrico. São Paulo, Mestre Jou, 1973, 140p.
7. BURTT, Edwin A. As Bases Metafísicas da Ciência Moderna. Brasília, UNB, 1991. 268p.
8. CASSIRER, Ernst. El Problema del Conocimiento. México-Buenos Aires, 1965, v.1. 612p.
9. CONTAT ET RYBALKA, Michel e Michel. Les Écrits de Sartre. Paris, Gallimard, 1970. 784p.
10. DESCARTES, René. Discours de la Méthode. Paris, Didier, 1971. 128p.
11. DEUS, Jorge Dias de et alli. A Crítica da Ciência. Rio, Zahar, 1974. 240p.
12. EINSTEIN et INFELD, Albert et Leopold. a Evolução da Física. Rio de Janeiro, Zahar, 1966. 237p.
13. EY, Henri. La consciencia. Madrid, Editorial Gredos, 1967. 334p.
14. FOUCAULT, Michel. As palavras e as Coisas. São Paulo, Martins Fontes, 1985.405p.
15. FRAGATA, Júlio. A Fenomenologia de Husserl. Braga, Livraria Cruz, 1985.279p.
16. GUSDORF, Georges. Mito y Metafisica. Buenos Aires, Editorial Nova, 1960.287p.
17. HEATHER, Nick. Perspectivas Radicais em Psicologia. Rio de Janeiro, Zahar Editores. 1977. 153p.
18. HERRNSTEIN et BORING, Richard J. et Edwin G. Textos Básicos de História da Psicologia. São Paulo, Herder, 1911. 793p.

19. JAMESON, Frederic. Marxismo e a forma. São Paulo Hucitec, 1985. 331p.
20. JASPERS, Karl. Psicopatologia General. Buenos Aires, A_ Bini y Cia., 1950. 2v. 1013p.
21. KELLER, Fred S. A Definição da Psicologia. SP, EPU, 1974. 109p.
22. KINELLER, G.F. A Ciência como Atividade Humana. Rio/SP, Zahar/ Edusp, 1980.310p.
23. KOPNIN, P.V. Fundamentos Lógicos da Ciência. Rio, Civilização, 1972.280p.
24. KUHN, Thomas S. A. A Estrutura das Revoluções Científicas. São Paulo, Perspectivas, 1990. 257p.
25. . A Tensão Essencial. Lisboa, Edições 70, 1989. 420p.
26. LAING et COOPER, R.D. e D.G. Razão e Violência. Rio, Vozes, 1976. 124p.
27. LEONTIEV, Alexis. O Desenvolvimento do Psiquismo. Lisboa, Livros Horizonte Ltda, 1978. 350p.
28. LUCIE, Pierre. A Gênese do Método Científico. Rio, Campus, 1978, 149p.
29. MANNONI, Maud. A Teoria como Ficção. Rio de janeiro, 1982. 121p.
30. MASON, S.F. História da Ciência. Porto Alegre, Globo, 1964. 527p.
31. MENSCH, Ivan N. Psicologia Clínica. México-Buenos Aires, Paidós, 1971. 221 p.
32. POLITZER, Georges. Psicologia Concreta. Buenos Aires, Editorial Álvarez S.R.L., 1965 289p.
33. RORTY, Richard. A Filosofia e o Espelho da Natureza. Lisboa, Dom Quixote, 1988.310p.
34. RUSSEL, Bertrand. ABC da Relatividade. Rio, Zahar, 1963. 221p.
- 35._____. A Perspectiva Científica. São Paulo, Cia. Nacional, 1977.211p
36. SARTRE, Jean-Paul. La Transcendance de L' Ego. Paris, Vrin, 1978, 134p..
- 37._____. Esquisse d'une théorie des émotions. Paris, Hermann, 1965. 68p.
- 38._____. L' imagination. Paris, Presses Universitaires de France, 1949. 140p.
- 39._____. L' imaginaire. Paris, Gallimard, 1940. 373p.

- 40._____. L' être et le néant. Paris, Gallimard, 1943. 722p.
- 41._____. Critique de la raison dialectique (précédé de Question de méthode), tome I. Paris, Gallimard, 1960. 755p.
- 42._____. Critique de la raison dialectique, tome II. Paris, Gallimard, 1985. 469p.1952. 578p.
- 43._____. Saint Genet: comédien et martyr. Paris, Gallimard, 561p.
- 44._____. L' idiot de la famille: Gustave Flaubert, de 1821 a 1857. Paris, Gallimard, 1971/2 et 1988. 3v. 2989p.
- 45._____. Les Carnets de Dr61e de Guerre. Paris, Gallimard, 1983. 433p.
- 46._____.SEVE, Lucien. Marxismo e a Teoria da Personalidade. Lisboa, Livros Horizonte Ltda, 1979. 3v. 681p.
- 47._____.SIGUAN, Miquel et alli. Actualidad de Lev S. Vigotsky. Barcelona, Editorial Anthropos, 1987. 187p.
- 48._____.SKINNER, B. F. Sobre Behaviorismo. São Paulo, Cultrix, 1982.261p.
- 49._____. O Mito da Liberdade. São Paulo, Summus, 1983. 166p.